ANO 13.º Sabado, 19 de Junho de 1920 Numero 628

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
«*Tipografia Social*», de Procopio d'Oliveira—ILHAVO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54—AVEIRO

NUNCA!

Quem sucederá ao actual govêrno cuja desorganisação é manifesta depois da morte do seu presidente?—pergunta-se.

Qual dos grupos que aí querem passar como aptos a formar ministerio se irá sentar nas cadeiras do Poder na hora incerta e de tantas apreenções como a do momento que passa?

Ha nuvens carregadas no horisonte politico. Sucedem-se as combinações. Fervilha a intriga. Concertam-se planos. Olhâmos.

Nada de novo, que é como quem diz, tudo velho—os processos de subir, principalmente.

Entrementes continuâmos a olhar,e o que se nos depara? Pois o que se nos hade deparar?! A mesma falta de patriotismo de ontem, o mesmo inegualavel desprendimento por tudo quanto representa qualquer coisa de elevado e digno para a nação. Abdicar, estamos a ver, não abdicam os politicos de a enterrar, de a comprometer, de a pôrem constantemente em cheque. E' até essa, talvez, a sua especial missão, aquilo que mais lhes apraz. Pois bem: ainda deve haver no país uma duzia, duas duzias de homens, ou quantos se apurarem, com prestigio suficiente para, uma vez de posse da administração publica, iniciarem a obra de resurgimento almejada por os verdadeiros republicanos, que, neste particular, são todos aqueles que de longe veem protestando contra o abuso cometido de se inutilisar, em pouco tempo, o que tanto custou a construir á velha guarda do regimen sobre o qual se disse assentaria a felicidade de Portugal.

Pela nossa parte dar-lhe-hemos não só o nosso apoio como inclusivamente os auxiliaremos, colocando-nos a seu lado e defendendo-os das iras dos incompetentes, dos criminosos, dos ineptos,

Porque com esses—nunca! Para parte alguma.

Banco Peninsular

Acha-se em organisação, no Porto, uma nova casa de credito, cujo programa abrange todas as funções de comercio e industria e todas as inerentes aos ramos colonial, agricola e bancario, dedicando, porêm, particular atenção aos ramos de importação e exportação directas.

O *Banco Peninsular*, que conta na sua comissão organisadora individualidades de destaque nos meios scientificos, comercial e industrial e financeiro, tem já para o ramo agricola terrenos a dentro do país e ainda uma importantissima concessão no planalto de Benguela e para os ramos comerciaes e industriaes, devidamente estudados com competencia, varios negocios e industrias, que representam segura garantia de exito futuro.

Para o anuncio inserto adiante chamâmos a atenção dos leitores, sobre tudo daqueles que desejem colocar, com vantagem, os seus capitaes.

Films...

Querem lá este?

Respigâmos de O Tempo, *bi-semanario do Partido Republicano Português, que se publíca em Coimbra:*

> De Aveiro queixam-se contra o seu governador civil, que nunca se importa com o distrito, que nunca lá está...
>
> —¿Querem lá o Malva? Se querem lá êste, é só dizê-lo e olhem que muito teem a lucrar, porque é homem... para os *embrulhar e intrigar* de tal maneira, que nunca mais se entendem...
>
> Se querem digam-no, com franqueza, que até nos fazem favor...

Obrigado, colega, muito obrigado, mas não aceitâmos.

Se hade vir outro peor é preferivel o que cá temos, embora afastado do serviço por falta de tempo para assistir em todos os altares...

Ao menos não faz asneiras...

Perguntas

Quando chegará a hora de cada um tomar o seu logar, indo os competentes para o governo e não se permitindo aos que nada estudam, nada são e nada valem, a veleidade de se iludirem e—o que é peor—de quererem iludir os outros sobre o valor dos proprios meritos?!

Se as nações teem os govêrnos que merecem, quando terá Portugal um govêrno que possa realmente dizer-se da nação e para a nação?

Descance o colega, que taes perguntas faz, que essa hora hade chegar. Tarde, quando já não houver possibilidade de salvação, mas hade chegar.

Estâmos a vêl-a pelos fusos... do sr. Nunes da Mata...

DR. SIDONIO PAES

A' volta da trasladação dos seus restos mortaes para Caminha

Chamado a Lisboa pelo presidente do governo, o filho do falecido presidente da Republica realisou com o coronel Baptista, antes do incidente que o victimou, uma primeira conferencia em que este lhe pediu a opinião sobre se haveria algum inconveniente na transferencia dos restos mortaes de seu pae, do panteon dos Jeronimos, onde se encontram, para um jasigo no cemiterio de Caminha, onde jazem os restos de pessoas queridas de familia. Essa transferencia efectuar-se-ia com todas as honras correspondentes ao alto cargo exercido pelo falecido, sendo o corpo transportado a bordo dum *destroyer*.

Propunha-se o moço oficial responder imediatamente á pergunta, quando o presidente do ministerio o interrompeu, observando-lhe que era, talvez, preferivel não manifestar, desde logo, a opinião pedida, e consultar a sua familia e os seus amigos.

Em face d'esta observação, o alferes sr. Sidonio Paes ficou de tornar a encontrar-se com o sr. Baptista, o que sucedeu no dia imediato, comunicando-lhe, então, o que, aliás, já tencionava ter-lhe dito na vespera, a saber: que se não julgava com direito a realisar a consulta aconselhada, e, se a sua opinião pessoal pudesse influir no espirito do sr. presidente do ministerio, estava pronto a dar-lh'a.

Sem que lhe declarasse se essa influencia se produziria ou não, convidou o coronel sr. Baptista o seu interlocutor a que a désse, em todo o caso, respondendo, então, o sr. Sidonio Paes, que não tomaria a iniciativa de fazer com que os restos mortaes de seu pae continuassem ou saissem dos Jeronimos, pois entendia que, agitar esse assunto era ir contra a opinião da grande maioria dos portuguezes e dar grande prazer a meia duzia de inimigos de seu pae. Estavam eles ali não porque ele quizesse que estivessem, mas porque assim o deliberou o povo portuguez. Sua ex.ª que resolvesse como entendesse, tomando a responsabilidade da sua resolução.

Finalmente, tendo manifestado interesse, o alferes sr. Sidonio Paes, em conhecer qual seria essa rusolução, o sr. presidente do governo respondeu-lhe que, sendo o projeto de trasladação idéa sua, pessoal, não poderia dil zer-lhe, n'aquele momento, o que resolveria definitivamente.

E neste pé ficou a questão até que apareça outro politico que se proponha resolve-la consoante os desejos da tal *meia duzia de inimigos* do assassinado, que o quer ver dos Jeronimos para fóra.

A CRISE DA IMPRENSA

Um apêlo de "O DEMOCRATA„

Nós bem quizeramos, bem lhe temos oposto resistencia, mas não podemos aguentar por mais tempo os pesados encargos que dia a dia nos estão assoberbando, tornando quasi impossivel a existencia de *O Democrata*. E' que subiu tudo duma maneira espantosa e se isso nos trazia já em extremo preocupados, o preço elevadissimo do papel, todos os mezes a aumentar consideravelmente, fez-nos chegar á conclusão de que, continuando a dar o jornal aos assinantes por 1$20 por ano o *defeit* seria de tal natureza, que nem dois contos chegariam para o cobrir e dois centavos não temos nós que possâmos dizer com toda a propriedade—pertencem-nos. Ora uma vida assim é mais que intoleravel, por todas as razões.

De que nos vale ter muitos assinantes, como temos, se uma resma de papel que antes da guerra custava **dezoito tostões** está agora a **22 escudos?!** A vintem temos nós dado cada exemplar do jornal. Pois no momento presente só o papel em branco custa mais do que isso. De aí a resolução tomada do aumento do preço da assinatura, visto que doutra forma não vemos possibilidade de conseguir receita que cubra a despeza. E' um sacrificio que pedimos aos assinantes? Eles responderão por nós, mas parece-nos que exigindo aos do Continente mais 40 centavos (400 reis) por ano, aos da Africa mais 1$30 e aos do estrangeiro mais 1$50 não é exigir muito. Claro que estes preços são transitorios, mantendo-os *O Democrata* apenas durante o tempo que existirem as causas que lhe dão origem. E dizemos assim porque, não se tendo fundado este jornal com outros intuitos que não fossem defender os idiaes que professa, pugnando ao mesmo tempo pelos interesses de país, do distrito de Aveiro e, em especial, do concelho onde vê a luz da publicidade, mal ficaria se o transformassemos em estabelecimento mercantil quando provado está que só a força das circunstancias nos obriga, depois de muito lutarmos, a tomar a resolução que acabâmos de expôr.

Que todos os nossos assinantes, pois, assim o compreendam, certos de que não saberemos faltar, na devida oportunidade, ao compromisso que com eles tomâmos e nestas colunas fica indelevelmente selado.

* * *

Aproveitando o ensejo, a administração de *O Democrata* leva ao conhecimento de aqueles dos seus subscritores em atrazo de pagamento, que lhes vai enviar pelo correio os recibos até á presente data, rogando desde já o seu bom acolhimento. Devem compreender todos,que pesados encargos nos tem sobrecarregado nestes 13 anos de luta mantida em defêsa dos bons principios, sendo, portanto, de todo o ponto justo que nos atendam e liquidem os seus debitos no mais curto praso. Somos pobres, e dar ao jornal trabalho e dinheiro devem concordar que é demasiado forte para quem, como nós, não tem ontros proventos a não ser os do exercicio da sua profissão.

MA' ORIENTAÇÃO

Ha dez annos que o nosso paiz mudou de instituições e, por ora, ainda se está longe de gosar os beneficios e vantagens que nos devia trazer essa almejada mudança de sistema politico.

Durante algum tempo, emquanto o governo provisorio esteve no poder e os republicanos se conservaram unidos, não ha duvida que disfrutámos um apreciavel periodo de calma e esperança muito de animar. Mas veio a ambição, começou a fervilhar a ideia da formação de partidos, a pôr-se de parte as bôas obras para a consolidação das instituições e logo principiou o grande mal para a Republica Portugueza.

Os principaes caudilhos da democracia começaram a puxar cada um para seu lado, e, como é natural, prevaleceu o mais forte, dominou o mais habil. Ficaram senhores da situação os democraticos, porque dentro do primeiro governo republicano havia um homem inergico, de talento e com habilidades á José Luciano.

O dr. Antonio J. d'Almeida, boa alma, cheio de ingenuidade, confiando nos colegas, principiou a ser altamente ludibriado pelo que não conseguiu fazer partido que fosse ao poder, não obstante o seu programa de governo se amoldar melhor ás condições do paiz.

Outro chefe, o sr. Brito Camacho, tambem não conseguiu organisar partido que pudesse tomar as redeas da governação, visto que, sempre inigmatico, nunca se soube a que visiva nem quais os seus intuitos.

Fracos, pois, os evolucionistas, fracos os unionistas, jámais estas fações obtiveram supremacia sobre os democraticos, que, convencidos da inferioridade dos adversarios, avançaram, crearam raizes e fizeram uma politica, em vez de patriotica e republicana, mais partidaria e mais arrangista, como doutra egual não ha memoria.

De aí o nosso mal.

São dez annos decorridos sem que deles tenham advindo para o paiz as felicidades que era para desejar e todos nós esperavamos. A monarquia foi má e prejudicial á nação; mas, analisadas bem as coisas, os homens da Republica rivalisam nos seus desmandos e loucuras por forma a não lhe ficarem atraz.

Isto é uma verdade incontestavel, com tristeza o confesso.

Não ha partidos: ha grupos que se enfraquecem uns aos outros porque não existe quem se preocupe em ser só republicano e bom portuguez para salvar da derrocada a Patria em perigo. Esses grupos ou grupelhos são,todavia, uma peste que infecta a vida da nação. Não constituem uma familia para serem apenas uma maquina de fabricar odios, rancores, represalias, interesses ilicitos, protegendo individuos sem categoria, nem competencia para desempenhar cargos de responsabilidade, até hoje nas mãos de verdadeiros imbecis.

Faz-se uma politica que nos desacredita e arruina, em vez de nos elevar e impôr.

Porque se não reunem num só bloco os homens de todos os partidos e concertam entre si o inicio de vida nova? A Republica, assim, não póde caminhar. A Republica atrofia-se e ai de nós se a não salvâmos, arrancando-a do pélago para onde a arremessaram cs que tão mal a teem servido.

Correligionarios: são horas de encerrar o periodo das divergencias e unir fileiras.

Vamos a isso?

José G. Gamelas

Seja

Ficâmos então nisto: padre Antonio Fernandes Duarte Silva nomeado por o ministro **democratico** Bartolomeu Severino, juiz presidente do Tribunal de desastres no trabalho, apesar do seu declarado monarquismo, com o ordenado de 1:400 escudos anuaes; Firmino de Vilhena de Almeida Maia, chefe de secretaria da Câmara, secretario do primeiro, com 600 escudos annaes!

E cansam-se, e esfalfam-se, e moem-se os do grupo *Companheiros do Bem*, da *Nau Catrinêta*, os *defensores das margens do Vouga* em pedir, em reclamar o saneamento da Republica, a entrega de cargos de confiança do regimen a individualidades retintamente republicanas!

A resposta não póde ser mais eloquente e confirma o que já por diferentes vezes nos temos visto coagidos a exteriorisar—isto é uma perfeita bandalheira!

Republica, não, porque para isso carecemos de moralidade, justiça, isenção, respeito e tantos outros atributos que a deviam cercar, mas que andam afastados dela, guardando uma tal distancia, que supomos nunca mais ser possivel aproximarem-se.

Por desgraça nossa e do país que tanto tolêra.

Serviço Farmaceutico

Encontra-se amanhã aberta a *Farmacia Reis*.

O Democrata vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Os mortos da guerra

No quartel de infanteria 24 teve logar, no dia 10, a inauguração duma lapide onde se acham esculpidos os nomes dos que perderam a vida durante a guerra desencadeada com a Alemanha e pertencentes ao referido regimento, assistindoao acto grande numero de convidados, entre os quais muitas senhoras, a quem se marejaram os olhos de lagrimas ante a formidavel lista dos combátentes mortos pela Patria.

A lapide foi descerrada pelo secretario geral do governo civil, visto o chefe do distrito, num desleixo e num despreso digno da maior censura, continuar a não fazer caso dos seus deveres, tocando nessa ocasião, a banda, o hino nacional enquanto a guarda de honra fazia a continencia. Momentos depois deu-se principio á sessão solene na sala da biblioteca, engalanada a caprîcho, tendo usado da palavra para enaltecer a bravura dos nossos soldados, os srs. dr. Melo Freitas, José Tavares, professor do liceu, seu irmão João, tenente de infanteria, e o major Paixão, que assumira a presidencia. Muitos

aplausos sublinharam os discursos dos oradores, saindo a assistencia deveras impressionada com a homenagem que acabava de ser prestada ao brio do exercito Português.

Duas horas antes do inicio da comemoração havia o regimento formado na sua maxima força, dirigindo-se por essa ocasião aos soldados o alferes Humberto de Almeida para lhes acordar os feitos épicos dos seus irmãos d'armas, a quem enalteceu.

E assim passou este ano o dia de Camões, escolhido pelo govêrno, com toda a propriedade, para honrar as cinzas dos herois.

NECROLOGIA

Sò agora soubemos ter falecido no principio do mez, em Alquerubim, a mãe do nosso amigo sr. dr. José Nogueira de Lemos, a quem acompanhamos, bem como seus irmãos, no duro golpe que acabam de sofrer.

+

Tambem nesta cidade deixou de existir a esposa do sr. Manuel Marques, antigo empregado da Câmara Municipal.

Aos que a pranteiam, o nosso cartão de condolencias.

A EMIGRAÇÃO

Não cessa a continua saída de milhares de pessoas para fóra do país.

As novas modificações introduzidas na lei, tendentes a obstar o exodo, só conseguiram uma coisa: torna-lo mais caro sem, todavia, o diminuir.

Pódem limpar as mão ás parede.

DESASTRES NO TRABALHO

O facto do decreto que prolongou por mais 120 dias para serem feitos os seguros contra acidentes de trabalho, não dispensa, contudo, a obrigação que a lei impõe ao patrão no caso de desastre.

Todos os interessados se pódem dirigir a Antonio da Maia, delegado da LATINA em Aveiro, R. Almirante Candido dos Reis, 90.